O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7995715

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: REALIDADE E DESAFIOS NA PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS

Andréia Florêncio Eduardo de Deus[1]

Queli Ghilardi Cancian[2]

Anilton de Oliveira da Silva[3]

Gabriela Artini da Silva[4]

Vilmar Malacarne[5]

Resumo

O ensino remoto imposto pela pandemia da COVID-19, de forma emergencial, delegou a responsabilidade do ensino aos pais ou responsáveis, ocasionando inúmeros impactos tanto no ambiente familiar como no processo de alfabetização. Nessa direção, este trabalho objetivou analisar os impactos do ensino remoto no desenvolvimento da alfabetização e na rotina das famílias responsáveis por crianças do ensino fundamental I de uma escola pública municipal do estado do Paraná. Trata-se de um estudo de caso, de caráter qualitativo, exploratório descritivo, desenvolvido a partir da aplicação de um questionário estruturado direcionado aos responsáveis legais dos alunos matriculados na escola no ano de 2021. Os resultados evidenciaram as dificuldades quanto ao tempo escasso para o desenvolvimento das atividades escolares, a ausência de conhecimentos por parte dos responsáveis e o desinteresse das crianças no desenvolvimento das atividades. A partir da análise dos dados, conclui-se que o Ensino Remoto Emergencial, intensificou e sobrecarregou as famílias na tarefa de alfabetizar suas crianças, comprovando as dificuldades de adaptação e a estagnação no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização; Escola; Família; Pandemia da COVID-19.

Abstract

The remote teaching imposed by the COVID-19 pandemic, emergently, delegated the responsibility of teaching to parents or guardians, causing numerous impacts in the family environment and in the literacy process. In this direction, this study aimed to analyse the impacts of remote teaching on the development of literacy and on the routine of the families responsible for children in elementary school of a public school in a city in Paraná state. This is a qualitative case study, descriptive exploratory, developed from the application of a structured questionnaire to the legal guardians of students enrolled in the school in 2021. The results showed the difficulties regarding the short time for the development of school activities, the lack of knowledge on the part of those responsible, and the children's lack of interest in the development of activities. From the data analysis, it is concluded that the Emergency Remote Teaching has intensified and overloaded the families in the task of teaching their children to read and write, proving the difficulties of adaptation and the stagnation in the literacy process.

Keywords: Covid-19 Pandemic; Family; Literacy; School.

[1] Doutora em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail para contato: andreiaflorencio98@gmail.com

[2] Graduada em Pedagogia. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail para contato: quelicancian@gmail.com

[3] Graduado em Pedagogia. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail para contato: anilton.contato@gmail.com

[4] Graduada em Matemática. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail para contato: gabrielaartini@hotmail.com

[5] Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail para contato: vilmar.malacarne@unioeste.br

INTRODUÇÃO

O cenário de pandemia mundial causado pela Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 trouxe desafios em diferentes esferas da vida humana. Os impactos na educação, apesar de explícitos, ainda não podem ser mensurados plenamente. No entanto, podemos afirmar que as crianças, em fase de alfabetização, tiveram perdas significativas no processo de aprendizagem, além de implicações na rotina familiar.

Considerando os cuidados com o contágio do Coronavírus logo no início da pandemia, Onyema *et al.* (2020), em seu estudo, já apontava para a necessidade de reorganização do ensino, em busca de contenção do vírus e minimização das perdas no processo de ensino/aprendizagem.

Diante das inúmeras preocupações com a segurança sanitária, o Conselho Nacional da Educação concebeu o parecer CNE/CP nº 11/2020 autorizando os estabelecimentos de ensino a desenvolverem suas atividades por meio do ensino remoto emergencial (ERE). Na concepção de Hodges *et al*. (2020), o Ensino Remoto Emergencial é entendido como uma mudança temporária na modalidade de ensino, do presencial para o remoto, uma adaptação dos planejamentos educacionais presenciais para a interação remota.

Com esse parecer, as escolas, estudantes e professores foram repentinamente obrigados a reorganizar suas rotinas em um modelo nunca antes vivenciado. Tal condição tornou ainda mais efetiva e visível as desigualdades sociais e as relações estabelecidas nas famílias brasileiras. O ensino remoto, segundo Veloso *et al*. (2022, p. 4), intensificou "[...] os desafios para se garantir o direito à educação, sobretudo para as camadas populares, em que a desigualdade social se tornou mais evidente e em que a exclusão digital dificultou o estabelecimento de redes comunicacionais e de aprendizagem".

Além dos problemas gerados pela pandemia na educação das crianças e no trabalho dos professores, outro aspecto importante neste contexto é a alfabetização e a atribuição desse processo aos familiares. A tarefa de casa é um assunto que, por vezes, gera conflitos entre escola e a família. As compreensões sobre o papel das atividades realizadas pelas crianças em casa diferem entre pais e professores, o que pode indicar que "[...] não existe total integração entre a escola e a família" (ALVES, 2013, p. 15225).

O fechamento das escolas, ocorrido devido à pandemia da COVID-19, potencializou esse problema, quando não só as tarefas de casa, mas toda a aprendizagem das crianças passou a ser realizada no lar, sob a tutela dos pais, assim, surgindo a necessidade de discutir e analisar a alfabetização no período de ERE. Nessa direção, este trabalho objetivou analisar os impactos do ensino remoto no desenvolvimento da alfabetização e na rotina das famílias responsáveis por crianças do ensino

fundamental I de uma escola pública municipal do estado do Paraná. O estudo se justifica pela necessidade de identificar os prejuízos ocasionados pela pandemia no processo de alfabetização, bem como, as dificuldades encontradas pelas famílias, a fim de estimular não só políticas públicas de alfabetização, mas também de acolhimento e orientação familiar na edificação da educação.

A ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS: UM PROCESSO EMANCIPATÓRIO

O processo de desenvolvimento das crianças se inicia muito antes do contato com a escrita e leitura. É por meio dos sentidos que a criança interpreta e compreende o mundo ao seu redor, sendo nesse contexto que ela adquire e desenvolve a linguagem. O contato com a leitura e a escrita formal se estabelece como uma necessidade humana,

> [...] se considerarmos as situações de uso da escrita, verificaremos que, na base de todas elas, está a necessidade de um registro que transcenda os limites do espaço e do tempo. Foi também está características, durante muito tempo praticamente exclusiva da língua escrita, que a manteve como uma forma privilegiada de registro, determinando o seu aprendizado como uma forma de responder uma necessidade humana (KLEIN, 2002, p. 105).

Apesar de a escrita ser uma "necessidade humana", principalmente para o registro das ações do homem, ela faz parte de um processo que denominamos alfabetização. O termo "alfabetização" deriva de diferentes conceitos, e optamos aqui pelo estabelecido por Magda Soares em 1985, que compreende a alfabetização como um conceito amplo que envolve habilidades mecânicas (ler e escrever), apreensão e compreensão dos significados da língua escrita e os determinantes sociais da função da escrita (SOARES, 2020). Ou seja, a alfabetização é um processo técnico, epistemológico e social pelo qual o homem passa, na maioria das vezes, em seus primeiros anos de vida. Segundo Macedo (2020) alfabetização trata-se de,

> [...] um processo de apropriação de uma cultura escrita plural e diversa, que implica não apenas o reconhecimento das funções desta na sociedade, mas também a reflexão sobre seus usos, as elações de poder envolvidas e o potencial de transformação da sociedade quando agimos com a escrita e pela escrita para combater as desigualdades sociais (MACEDO, 2020, p. 45).

O mundo pós-globalização e o advento da internet têm inserido as crianças em um mundo social cada vez mais digital. Dessa forma, é comum o desapego por livros, gibis e outros meios impressos, o que pode causar certo prejuízo. No entanto, "[...] a leitura cria expectativa em aprender a ler e a escrever e de usar tais tecnologias socialmente" (BALTAZAR, 2021, p. 10).

Sendo a alfabetização um processo individual e social, cabe mencionar que os tempos diferem para cada criança. Embora existam ciclos estabelecidos nos currículos ou nas teorias da educação, é na particularidade de cada criança e nas influências do meio social a qual pertence que o momento de aquisição da escrita e leitura se estabelece. Porém, é ainda comum que as atividades propostas para uma turma de crianças, sejam replicadas para outra e, pior ainda, que os resultados esperados também sejam os mesmos.

Ensino remoto e alfabetização: inversão nos papeis da família e da escola durante a pandemia

A pandemia da COVID-19 impôs a todos o ensino remoto, cabendo às famílias não somente a educação social como também a responsabilidade pelo processo de aprendizagem de suas crianças. Nesta direção o parecer CNE/CP/05/2020 estabeleceu a seguinte orientação:

> [...] neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020, p. 9).

Para a educação infantil, o documento indica que "[...] as orientações para os pais devem indicar atividades de estímulo às crianças, leitura de textos pelos pais, brincadeiras, jogos, músicas infantis" (BRASIL, 2020, p. 10). Para que as famílias desenvolvam tais atividades o parecer indica que,

> [...] para auxiliar pais ou responsáveis que não têm fluência na leitura, sugere-se que as escolas ofereçam aos cuidadores algum tipo de orientação concreta, como modelos de leitura em voz alta em vídeo ou áudio, para engajar as crianças pequenas nas atividades e garantir a qualidade da leitura (BRASIL, 2020, p. 10).

Deve-se também destacar que, no que diz respeito à utilização de recursos online para a educação, a pandemia exigiu um ajuste das crianças, dos pais e também dos professores (IIVARI; SHARMA; VENTÄ-OLKKONEN, 2020), uma vez que o contato entre a família e a escola ocorreu prioritariamente de forma remota. Sobre essa questão, Silva (2022) aponta que:

> Durante a pandemia ficou evidente, o papel crucial da família para o desenvolvimento da aprendizagem durante esse processo no qual as mudanças atingiram desde os(as) docentes que tiveram toda sua rotina modificada e transformaram suas casas em salas de aula e se esforçam a cada dia para se reinventarem e ajudar os estudantes do melhor modo possível, como também os estudantes e suas famílias que tiveram que se adequar a uma nova realidade, na qual a casa se tornou um ambiente escolar de trocas de conhecimento diário (SILVA, 2022, p. 8).

Nesse contexto, o processo de alfabetização apresenta complexidades, caracterizada por inúmeras variantes como questões socioculturais, as performances didático pedagógicas que permeiam a condição de aprendiz da criança (VIEIRA, 2012).

Para os autores Peterson *et al.* (2020), o fechamento das escolas durante a pandemia serve como um aprendizado para todo o mundo, em especial para aqueles que negligenciam a educação, não adotando as tecnologias emergentes em apoio ao ensino. Segundo os autores, o setor educacional deve desenvolver estratégias sólidas para o enfrentamento das adversidades, com o uso das tecnologias desempenham um papel fundamental nessa direção.

Apesar da alfabetização, na concepção social, extrapolar o espaço da escola, é neste ambiente que ela se concretiza. É na escola que a criança é apresentada às técnicas de escrita e de leitura e compreende a função dessas habilidades em sua vida cotidiana. Portanto, é no ambiente escolar que a alfabetização se concretiza.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, duas modalidades de investigação foram seguidas: a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo se caracterizou pelos pressupostos da pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, de caráter exploratória descritiva. De acordo com Severino (2016, p. 128), o estudo de caso considera um significativo conjunto de casos análogos, constituindo da mesma forma da pesquisa de campo. Assim, o caso escolhido deve ser significativo e apto a "[...] fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências".

De acordo com Neves (1996), a abordagem qualitativa da pesquisa refere-se a um complexo sistema de significados, envolto por um conjunto de técnicas, que buscam a intepretação dos diferentes fenômenos sociais e comportamentos estudados.

No contexto da pesquisa, o estudo exploratório, tanto na pesquisa de campo, quanto na pesquisa bibliográfica, considerou a construção do arcabouço de dados que antecederam os estudos descritivos e correlacionais (HERNÁNDEZ SAMPIERI *et al*., 2013). Segundo Cervo (2002, p. 66), "[...] o objetivo da pesquisa descritiva e observar, registrar, analisar e correlacionar os fenômenos ou as variáveis de um estudo sem manipulá-lo, trata-se da característica, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada".

Considerando o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, quatro etapas foram seguidas de acordo com as orientações de Cervo, Bervian e Silva (2007), sendo: (1) Pré-leitura; (2) Leitura seletiva; (3) Leitura crítica, e, por fim, a (4) Leitura Interpretativa, culminando na utilização dos dados para fins

da própria pesquisa. Para o levantamento dos estudos bibliográficos, considerou-se a exploração das bases de dados *on-line*: Google Scholar, Scielo, Lilacs, bem como livros físicos (impressos) sobre metodologia, alfabetização e letramento.

A pesquisa de campo se efetivou no levantamento dos dados, constituídos a partir da aplicação de um questionário estruturado com questões abertas e fechadas, direcionadas aos responsáveis legais de estudantes do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, Anos Iniciais de uma escola pública na região Oeste da cidade Cascavel-PR.

Aponta-se que a referente pesquisa é um recorte de uma pesquisa maior que se caracteriza no processo de investigação-ação das práticas pedagógicas na formação de professores e atividades desenvolvidas pelos membros do grupo de pesquisa Formação de Professores de Ciências e Matemática - Fopecim, apreciada e aprovada pelo comitê de ética da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), recebendo o parecer de aprovação nº 5.161.165.

A aplicação do instrumento de pesquisa ocorreu de forma on-line, por meio da ferramenta *Google Forms*. Destaca-se ainda que a realização da pesquisa foi previamente autorizada pela direção da escola que também colaborou fazendo a divulgação da pesquisa nos grupos de *WhatsApp* das referidas turmas, recebendo um retorno de 89 respostas de famílias que tiveram em casa crianças em fase de alfabetização durante a fase mais crítica da pandemia da COVID-19.

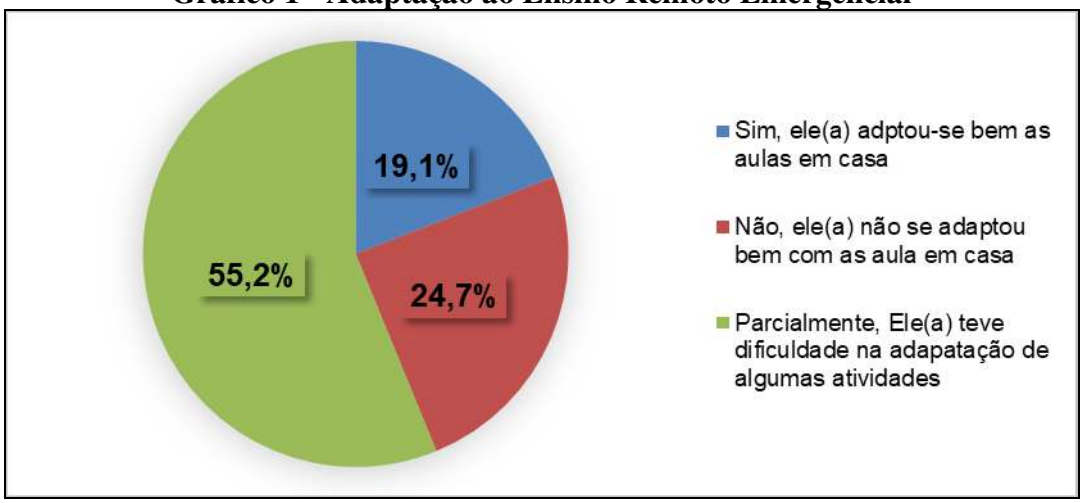
Para análise dos dados optou-se pelos pressupostos de análise de conteúdo de Bardin (2016). De acordo com a autora, o método "[...] visa ao conhecimento de variáveis de ordem psicológicas, sociológicas, históricas etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares" (BARDIN, 2016, p. 44). Para organização dos dados os questionários foram codificados em R1, R2... R89, conforme o número de respondentes, sendo posteriormente analisados, categorizados e discutidos na seção que trata dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando o processo de alfabetização em aspectos técnicos, mas também sociais, a escola é o espaço mediador deste processo. Neste sentido, as mudanças repentinas provocadas pela pandemia impuseram um cenário novo que responsabilizou a família por um espaço antes ocupado pela escola. Cessou-se a dinâmica de sala de aula e as relações construídas cederam lugar ao isolamento no âmbito familiar. Considerando a realidade social de muitas famílias brasileiras, podemos dizer que a pandemia lhes tirou o único espaço de convivência social.

Participaram da pesquisa 89 responsáveis legais de estudantes do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Destes, 32 são responsáveis por estudantes do 3º ano e 57 do 2º ano. Segundo as percepções dos responsáveis legais, a maioria das crianças teve uma adaptação parcial ao sistema de ensino remoto. Outros 24,7% não se adaptaram conforme indicado no gráfico 1.

Gráfico 1 - Adaptação ao Ensino Remoto Emergencial



Fonte: Elaboração própria.

No entanto, deve-se considerar que essas análises foram realizadas pelos adultos responsáveis, o que pode não representar fielmente os fatos, uma vez que, para eles, o cumprimento de atividades no caderno escolar reflete um bom desenvolvimento educacional. As relações sociais nem sempre são consideradas, já que vivemos uma cultura de meritocracia, de valorização de quem tem a melhor nota.

Os casos de não adaptação podem também seguir a mesma lógica, mas com desfecho diferente, como a evasão escolar, que registrou aumentos durante a pandemia, tanto no município quanto no cenário nacional a qual pertence a escola pesquisada. Segundo Senhoras (2020), muitas problemáticas foram evidenciadas durante a pandemia, dentre elas a paralisação total do ensino, o que, por vezes, contribuiu para o aumento da evasão escolar. Na concepção do autor, o período de pandemia foi permeado por diferentes dificuldades, tanto no mercado de trabalho quanto na transmissão dos conteúdos educacionais, o que acabou exigindo mais das famílias em condição de vulnerabilidade.

Ávila e Macedo (2022), ao realizar uma pesquisa com abordagem etnográfica em um município no estado de Minas Gerais, entre maio de 2020 a janeiro de 2021, constataram que o ensino remoto ocorreu por meio de apostilas formuladas pela secretaria da Educação de Minas Gerais. Segundo as autoras, esse material se tornou obrigatório durante a pandemia, substituindo as atividades planejadas pelos professores ignorando as diferenças entre os contextos de cada turma, considerando um território

tão amplo, o que acabou prejudicando o processo de aprendizagem devido às dificuldades no desenvolvimento das atividades por parte dos alunos.

O processo de aprendizagem de estudantes dessa faixa etária, apesar de complexo, tem na capacidade de leitura e escrita seu marco maior, no entanto, a interação entre estudante e professor é insubstituível. Levando em consideração o processo de aprendizagem, perguntamos aos responsáveis como perceberam o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita da criança sob sua responsabilidade durante o período de ensino remoto. Os dados referentes ao questionamento são apresentados na Tabela1.

Tabela 1 - Processo de aprendizagem na percepção dos responsáveis

Processo de aprendizagem	*Frequência*	*Porcentagem*
Sim, aprendeu a ler e escrever	10	11,2
Aprendeu apenas a ler e não a escrever	3	2,2
Já sabia ler e escrever nesse período melhorou ainda mais.	23	26,0
Não aprendeu nem a ler e nem a escrever	25	28,1
O pouco que já sabia nesse período regrediu	14	15,7
Encontra-se em processo de reconhecimento da escrita e da leitura	8	9,0
Já sabia ler e escrever, porém, não apresentou nem melhora e nem piora na aprendizagem	6	6,7
Total	89	100,0

Fonte: Elaboração própria.

No grupo pesquisado, 28% dos responsáveis declararam que o estudante não aprendeu a ler, sendo esse um destaque entre as respostas obtidas. Porém, alguns responsáveis relataram uma estagnação no processo de aprendizagem, enquanto outros mencionaram até mesmo regressão. Podemos associar tais fenômenos ao caráter coletivo da aprendizagem da criança, que foi contraposto pelo isolamento forçado durante o período de ensino remoto. Para Magda Soares (2020, n. p.) "[...] a presença do alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa".

As percepções dos responsáveis estão também envoltas na mudança da rotina familiar que o ensino remoto provocou. Quase 90% dos responsáveis participantes da pesquisa sentiram mudanças na rotina familiar e mais de 40% relataram muitas mudanças.

Para muitas famílias, a escola representa um espaço onde podem deixar as crianças enquanto estão no trabalho. A ausência desse espaço provoca transformações, com consequências que podem afetar até mesmo o sustento familiar. Conforme Ferreira, Ferreira e Zen (2020, p. 290), "[...] no contexto

pandêmico, as discussões sobre o fechamento e a reabertura das escolas evidenciou a sua importância como instituição social".

Ainda que tenhamos vivido transformações na cultura da família brasileira, ainda cabe à mulher as responsabilidades de organização do ambiente familiar. Nesse sentido, a pandemia gerou um aumento do trabalho feminino em casa. Dos 89 questionários analisados, 66 declararam ser a mulher a responsável pela realização das atividades pedagógicas das crianças, incluindo retirá-las e devolvê-las na escola nas datas estipuladas pelo estabelecimento de ensino.

Em relação aos impactos do ensino remoto na rotina familiar, três categorias emergiram das falas: (1) Tempo e organização familiar; (2) Recusa das crianças em fazer as atividades e a (3) Falta de conhecimento técnico dos responsáveis.

Vivemos numa época em que o tempo é cada vez mais escasso, a sobrevivência das famílias demanda cada vez mais tempo e extrapolam para outros espaços também importantes na vida humana, como o lazer e a convivência familiar. O papel social da escola nunca ficou tão evidente. Nas falas dos responsáveis pelas crianças a categoria **'**tempo e organização familiar' emergiu de forma clara. A falta de tempo para auxiliar as crianças no desenvolvimento das atividades, deixou ainda mais explícito a dificuldade das famílias no cuidado e atenção às suas crianças no que diz respeito à educação.

A nova demanda inserida em um espaço já diminuto de tempo, demandou uma reorganização da rotina familiar e evidenciou aspectos frágeis da constituição familiar, com seus reflexos no desenvolvimento escolar e social das crianças. Mas 41% dos respondentes declaram não ter conseguido estabelecer uma rotina de estudos, ou seja, o tempo para atender a nova demanda ficou restrito às sobras oriundas de remanejamentos das atividades diárias. A rotina é essencial no desenvolvimento da autonomia da criança (BILÓRIA; METZNER, 2020). Porém, não basta regrar horários num movimento mecânico de ações, para as crianças, as atividades na escola seguem uma rotina pedagógica que lhe propiciam segurança e autonomia (MANTAGUTE, 2008).

Veloso *et al.* (2022) ao realizar um estudo com professores de uma escola pública no norte de Minas Gerais, constataram um desafio para reconfigurar o tempo e a cultura de alfabetização. No estudo, os autores apontam a configuração do tempo em dois modos, o primeiro refere-se ao tempo assíncrono, no qual compete a realização das atividades impressas, mediada pelas famílias. O segundo, o tempo síncrono, via uso de tecnologias, busca colocar o professor em contato com o aluno, promovendo novas possibilidades no processo de alfabetização. Para os autores, o ensino emergencial remoto apresentou inúmeros desafios, tanto para professores e familiares quanto para alunos, em especial as crianças em fase de alfabetização.

Durante a pandemia, esse cenário se transformou em momentos de tensão, provocados pelo tempo curto e desordenado dispensados à realização das atividades escolares.

Para os responsáveis, as atividades escolares das crianças entraram numa rotina apertada de tempo. Antes, a responsabilidade era levar e buscar a criança da escola, mas com o ensino remoto, essa rotina se transformou em ir à escola buscar as atividades, auxiliá-las na realização e devolvê-las, ou seja, o processo se tornou ainda mais complexo. A rotina de trabalho de muitos responsáveis não mudou, ou seja, muitas famílias precisaram continuar com o trabalho presencial gerando outra situação, onde e com quem deixar as crianças? Em outros casos, a rotina de trabalho mudou completamente estando também os responsáveis em trabalho remoto, com o desafio de trabalhar, cuidar e auxiliar as crianças nas atividades escolares.

A categoria **'**recusa das crianças em fazer as atividades', surgiu dentro de aspecto de preocupação e frustração dos responsáveis. Para Zabala (1999)**,** o desenvolvimento da aprendizagem é composto por conteúdos conceituais (aprender a conhecer), procedimentais (aprender a fazer) e atitudinais (aprender a ser), as quais são desenvolvidos na escola.

No ensino remoto as crianças se viram privadas de interações pedagógicas que propiciam a aprendizagem dos conceitos, sem o espaço para o desenvolvimento de atividades práticas de ensino e sem o relacionamento com outros colegas que proporciona a aprendizagem do seu lugar no espaço.

A pandemia retirou das crianças a possibilidade de interação, e a sensibilidade aflorada, nesta fase, reconhece-se a ausência da atenção adequada que estimule o desenvolvimento da aprendizagem. A maioria dos responsáveis participantes da pesquisa relataram ter mais de uma criança em idade escolar em casa o que demandou uma divisão de tempo ainda maior e impactou significativamente na rotina familiar conforme menciona R22: "[...] *foi preciso adequar um período para auxiliar nas atividades já que trabalho fora o dia todo".*

Com a recusa das crianças no desenvolvimento das atividades escolares e as cobranças da escola e do sistema municipal de educação para a entrega no prazo estipulado, os responsáveis relataram momentos de estresse, resultado da soma falta de tempo e recusa da criança, "[...] *só conseguia fazer no final de semana as tarefas*" (R60). As atividades enviadas eram organizadas por dia da semana, ou seja, para cada dia eram propostas um conjunto de atividades, ao usufruir apenas do fim de semana para realizá-las, a ação se tornou para a criança muito cansativa e não prazerosa resultando na falta de desejo em realizá-las.

Na categoria 'ausência de conhecimento técnico dos responsáveis', a realidade das famílias brasileiras evidenciou uma condição ainda muito presente que é também indicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a qual mostra um grande número, de pessoas adultas,

chefes de família com pouca escolarização. Segundo o IBGE, em 2018, o Brasil contava com 11,3 milhões de pessoas analfabetas com mais de 15 anos. Os índices são maiores entre os idosos com mais de 60 (BRASIL, 2021). Essa realidade se torna preocupante, uma vez que muitas crianças em fase alfabetização ficam sob os cuidados de avós e/ou pessoas idosas nesta condição.

Para além da realidade citada, a insegurança dos responsáveis quanto a ausência de conhecimentos para auxiliar as crianças foi um aspecto bastante presente na pesquisa como indicam as falas:

> [...] nós pais não temos jeito para ensinar (R12).
>
> [...] muita coisa a gente não sabia explicar (R27).
>
> [...] não temos conhecimento pedagógico para ensinar, o que regrediu muito as crianças. Praticamente não se desenvolveram nesse período (R7).

Alguns estudos apontam que as mudanças sociais nas famílias, juntamente com a falta de tempo e o excesso de diferentes atividades, resultaram no repasse gradual às instituições escolares, responsabilidades para além do ensino formal de conhecimentos. A escola passou assumir também a educação social das crianças, muitas vezes sem o apoio da família.

Neste contexto, Avelino e Mendes (2020, p. 61), ponderam que "[...] mais do que saber reconhecer os problemas, cabe aos políticos, corpo docente, alunos, responsáveis e população em geral, uma mudança de comportamento, ao ter consciência que, educar vem atrelado a uma ação".

Pondera-se que mesmo com as orientações do parecer CNE/CP/05/2020, anteriormente pontuadas, os dados levantados nesta pesquisa demonstram não terem sido suficientes ou não tiveram os efeitos esperados. Os diferentes fatores aliados aos diferentes cenários levaram a queda de qualidade e em muitos casos a total ausência da aprendizagem das crianças neste período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um ambiente de muitos olhares e de muitas funções. Em vista disso, concordamos que ela é um espaço que propicia não só aprendizagem aos sujeitos que estão imersos nela, mas, é considerada um local de desenvolvimento social coletivo, pois é na escola que ocorre para muitas crianças as primeiras vivências com seus pares fora do ambiente escolar.

O ensino remoto a que nossas crianças foram submetidas em função da pandemia da COVID-19 trouxe não somente perdas no desenvolvimento da aprendizagem, como também no processo de socialização.

Os dados apresentados neste trabalho evidenciaram perdas não somente no trabalho multidisciplinar e nos conteúdos transversais que permeiam o trabalho da escola, mas também as dificuldades da família no apoio à aprendizagem das crianças. Foram apontados pelos responsáveis a falta de tempo, ausência de conhecimento e a falta de vontade das crianças no desenvolvimento das atividades como fatores que dificultaram a aprendizagem neste período.

Tal constatação demonstra também as diferenças sociais e econômicas com que a escola trabalha no seu dia a dia. Alguns responsáveis tiveram a possibilidade de também ficarem em isolamento, outros ainda no auge da pandemia precisaram continuar o trabalho de forma presencial.

Outro ponto que chamou a atenção foi a falta de conhecimento escolar dos responsáveis. Ao considerarmos que se trata de crianças que cursam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e que os responsáveis são trabalhadores ativos, ainda que tal dado não tenha sido o foco desta pesquisa, compreendemos que se trata de pessoas ainda jovens com baixa escolaridade. Essa realidade ainda é presente no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apesar de os números apresentaram queda os analfabetos acima de quinze anos no Brasil, ainda somam 6,6% da população.

A recusa das crianças no desenvolvimento das atividades em casa também é um ponto importante da análise. O ato de estudar e aprender é para a criança ligado diretamente ao espaço da escola e a figura do professor. No ensino remoto, muitas crianças não conseguiram compreender a nova dinâmica. Mesmo com o esforço dos professores e das escolas nas orientações aos responsáveis, tal condição esbarrou nas estruturas familiares, como organizar uma rotina de estudos quando todos estão trabalhando? O que fazer se não há em casa um espaço físico para estudo ou se existe na mesma família, estudantes de diferentes idades? Neste cenário muitos responsáveis se frustraram.

O processo de alfabetização que perpassa todo o Ensino Fundamental - Anos Iniciais, evidenciou na pandemia de COVID-19 dois postos-chaves: no primeiro, a importância da escola como instituição social de ensino e o papel do professor e demais educadores no desenvolvimento socioemocional das crianças. No segundo, a dificuldade das famílias no auxílio à aprendizagem de seus pequenos, seja o tempo ou a ausência dele, no conhecimento raso ou inexistente dos adultos. Tais constatações evidenciam ainda mais a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a escola como a formação de professores e demais profissionais, a composição de equipes multidisciplinares de apoio psicopedagógico e social que orientem e acompanhem as famílias dentro das escolas.

As séries iniciais são um período de formação de conceitos, de desenvolvimento da linguagem, de estabelecimento de relações e construção da identidade própria e o espaço para tais construções é a escola. A pandemia da COVID-19 retirou de muitas crianças, aproximadamente dois anos desse desenvolvimento. Porém, outra característica dessa faixa etária é o processo de adaptação teoricamente

tranquilo. A pergunta que deixamos é: o que aprendemos com isso tudo? E o que faremos com o que aprendemos?

Por fim, concluímos que o ensino remoto emergencial intensificou e sobrecarregou as famílias com a tarefa de alfabetização de suas crianças, comprovando as dificuldades de adaptação e a estagnação no processo de alfabetização. A partir dos resultados, consideramos a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam a escola como instituição, tais como: a formação de professores e demais profissionais, a composição de equipes multidisciplinares de apoio psicopedagógico e social que orientem e acompanhem as famílias dentro das escolas.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. "A tarefa escolar como estímulo à aprendizagem". **Anais do XI Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: PUC-PR, 2013.

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. "A realidade da educação brasileira a partir da covid-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

ÁVILA, A. C. A.; MACEDO, M. S. A. N. "Alfabetização na pandemia da Covid-19". **Cadernos de Educação**, vol. 66, 2022.

BALTAZAR, L. A. D. S. **Letramento e alfabetização na primeira infância em tempos de pandemia** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras). Goiás: PUC-Goiás, 2021.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2016.

BILÓRIA, J. F.; METZNER, A. C. "A importância da rotina na Educação Infantil". **Revista Fafibe *On-line***, n. 6, 2013.

BRASIL. **Estatística de analfabetismo no Brasil**. Brasília: IBGE, 2021. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 23/09/2023

BRASIL. **Parecer CNE/CP n. 11, de 07 de julho de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 09/07/2023.

BRASIL. **Parecer CNE/CP n. 5, de 28 de abril de 2020.** Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/09/2023.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Person Prentice Hall, 2007.

FERREIRA, L.G.; FERREIRA, L.G.; ZEN, G.C. "Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna". **Fólio - Revista de Letras**, vol. 12, n. 2, 2020.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R. *et al*. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Editora Penso**,** 2013

HODGES, C. *et al*. "The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning". **Educause Review** [2020]. Disponível em: <www.educause.edu> Acesso em: 05/02/2023.

IIVARI, N.; SHARMA, S.; VENTÄ-OLKKONEN, L. "Digital transformation of everyday life – How COVID-19 pandemic transformed the basic education of the young generation and why information management research should care?" **International Journal of Information Management**, vol. 55, 2020.

KLEIN, L. R. **Alfabetização**: Quem tem Medo de Ensinar? São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MACEDO, M. S. A. N. "Contribuições Teórico-Metodológicas para a Pesquisa sobre Letramento na Escola". **Educação e Realidade**, vol. 45, 2020.

MANTAGUTE, E. L. L. "Rotinas na Educação Infantil". **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Alagoas: CONEDU, 2008.

NEVES, J. L. "Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades". **Cadernos de Pesquisas em Administração**, n. 3**,** 1996.

ONYEMA, E. M. *et al*. "Impact of Coronavirus Pandemic on Education". **Journal of Education and Practice**, vol. 11, n. 13, 2020.

PETERSON, L. *et al*. "A rapid response to COVID-19: One district's pivot from technology integration to distance learning". **Information and Learning Sciences**, vol. 121, n. 5, 2020.

SENHORAS, E. M. "Coronavírus e Educação: análise dos impactos assimétricos". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

SILVA, P. V. de M. "Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto". **Revista Docência e Cibercultura**, vol. 6, n. 1, 2022.

SOARES, M. "Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?" **Futura** [2020]. Disponível em: <www.futura.org.br>. Acesso em: 11/11/2023.

SOARES, M. **Letramento de um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

VELOSO, G. M. *et al*. "O tempo da alfabetização em tempos de pandemia". **Cadernos de Educação**, n. 66, 2022.

VIEIRA, D. M. "Jogos de linguagem–Estratégia para atividades diversificadas no processo de alfabetização e letramento". *In*: MORO, C. S. *et al*. **Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamenta**l: saberes e práticas. Curitiba: SEED-PR, 2012.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 42| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima